

Manga, tobdaé, yó: peteca nas aulas de Educação Física

Everton Arruda Irias

A experiência relatada a seguir ocorreu no primeiro semestre de 2022, na EMEF Raimundo Correia, escola da rede municipal localizada no bairro de São Miguel Paulista, zona leste da cidade de São Paulo, e envolveu as turmas dos 1º anos A, B e C do Ensino Fundamental.

Havíamos finalizado o ano anterior com a possibilidade de todos(as) os(as) estudantes estarem presencialmente na escola. Mesmo assim, sabíamos que algumas crianças retornariam ao ambiente escolar após dois anos de ensino remoto emergencial devido às medidas protetivas adotadas para evitar a contaminação pela Covid-19. Alguns protocolos ainda vigoravam na escola, por exemplo, a necessidade do uso de máscara¹. Apesar dos cuidados recomendados pelas autoridades sanitárias, permanecia uma inquietude, desinformação e, conseqüentemente, certos receio quanto às práticas a serem adotadas dentro da escola. Nesse ambiente é que as crianças foram acolhidas e ouvidas.

Após conhecer um pouco da história de cada criança (histórias estas contadas por elas mesmas), e também as expectativas que possuíam para o ano letivo, procuramos conhecer as práticas corporais acessadas em diferentes momentos e espaços. Organizamos rodas de conversa, observações de fotos do entorno escolar², e também visitamos a sala estruturada para armazenar diferentes materiais que, comumente, são utilizados nas diversas práticas corporais. Foi possível perceber o contato dos(as) estudantes com algumas brincadeiras, ginásticas, lutas, danças e esportes, assim como acessar as representações que possuíam acerca dessas manifestações.

Enquanto isso, professores e professoras que participavam do horário coletivo, a Jornada Especial Integral de Formação (JEIF), decidiam os temas que comporiam o Projeto Especial de Ação (PEA) e que, de certa maneira,

¹ Vale salientar que este protocolo deixou de ser obrigatório em meio ao desenvolvimento da experiência.

² Outro professor de Educação Física da escola e eu, tivemos a oportunidade de circular pelos arredores da escola para registrar alguns dos espaços onde ocorrem práticas corporais.

direcionariam os trabalhos pedagógicos, ao menos, no primeiro semestre. Em meio a temas como *Educação para Direitos Humanos e Currículo e Tecnologia*, os(as) docentes que atuavam no Ciclo de Alfabetização e no Ciclo Interdisciplinar optaram por concentrar-se na recuperação das aprendizagens. Vale destacar que o horário coletivo na rede municipal de São Paulo é oferecido somente para professores e professoras que possuem carga horária completa com estudantes, ou seja, 24 ou 25 aulas, o que não era meu caso, já que nesse ano me foram atribuídas apenas 16 aulas semanais.

Outro fato importante a se destacar é que ao mesmo tempo que o coletivo docente voltava a atenção às aprendizagens faltantes, os(as) estudantes, nas nossas rodas de conversa, compartilhavam conhecimentos diversos a respeito das práticas corporais acessados por diferentes meios durante o período em que estiveram afastados(as) da escola.

A definição do tema de estudo começou a se dar no contato com as turmas e na análise dos recursos disponíveis na escola. Muitos foram os comentários referentes às bolas, bambolês, skates e também às petecas. Algumas crianças disseram possuir o artefato, outros(as) utilizaram-no na Educação Infantil. Logo, buscando propor uma leitura aprofundada de uma prática corporal oriunda de grupos sociais que poucas vezes adentram o currículo escolar, optei por iniciar a tematização da peteca.

Os(As) estudantes socializaram as brincadeiras com peteca que conheciam. As aulas seguintes se dedicaram a vivenciá-las conforme as explicações dos(as) estudantes. No geral, as brincadeiras apresentadas consistiam em jogar a peteca para cima. Observamos que as crianças seguravam e lançavam a peteca sem rebatê-la. Brincamos em grupos menores e também todos(as) juntos(as) em roda, utilizando, a princípio, as petecas da escola. Vale salientar que durante a brincadeira as crianças se interessavam mais em correr para pegar a peteca que caía no chão, do que em rebater a peteca para o alto. Outras brincadeiras foram mencionadas e praticadas: batata-quente com peteca e lencinho branco com peteca.

Durante as rodas de conversa, várias crianças diziam possuir petecas e, em anos anteriores, haviam confeccionado o artefato em casa ou na escola. Questionando-as sobre quais materiais seriam necessários para construir uma peteca, responderam: pano, papel, sacolinha, pena, cola. Busquei no YouTube

vídeos que mostrassem maneiras de fazê-lo, atentando para os tutoriais que priorizassem materiais de baixo custo e de fácil manuseio por estudantes do 1º ano.

Passamos a confeccionar petecas com sacolas plásticas e papel. Foi interessante notar a empolgação das crianças quando o resultado final era satisfatório, assim como a frustração quando a produção não dava certo. O processo foi um divisor de águas, já que o interesse das crianças pela peteca aumentou após construírem o próprio brinquedo. As petecas foram levadas para casa e as crianças foram orientadas a trazê-las nas aulas seguintes, para que pudessem brincar com elas. Algumas perderam ou esqueceram, muitas mantiveram-nas nas bolsas, enquanto outras fabricaram mais petecas com ajuda dos familiares e trouxeram-nas à escola para emprestar às colegas. É o caso da Ana Valentina que a cada aula tirava da mochila três petecas. Certo dia, fui surpreendido com uma peteca de algodão e pano feita pelo Nicolas e seu pai.

Seguimos brincando das maneiras que os(as) estudantes explicavam.



Perguntei às turmas se sabiam quais pessoas tiveram a ideia de criar uma peteca. Muitos(as) levantaram as mãos para dizer: “eu”. Reformulei a questão e uma ou duas vezes ressoaram: “foram os índios”. Continuei: “quem são os

índios? Por que criaram esse objeto?” Mais crianças se manifestaram: “índios vivem nas florestas”; “eles não usam roupas”; “não são seres humanos, são de outro planeta”. O Davi reagiu: “indígenas vivem no Brasil, são seres humanos”. Essas representações indicaram possíveis encaminhamentos didáticos.

Apesar do corpo docente da escola haver definido outros temas, as conversas nos corredores ou no momento do café revelavam que alguns(mas) professores(as) estavam mais interessados(as) em problematizar os marcadores sociais e se engajar na artistagem de uma prática pedagógica que sensibilizasse os(as) estudantes para relações mais justas e democráticas. Comentei com uma das professoras do 1º ano que traria à tona algumas questões referentes às culturas indígenas vinculadas ao tema peteca. A colega quis contribuir com a discussão e disse que buscaria levar para a sala de aula algumas leituras e outros subsídios para conversar com os(as) estudantes a respeito do assunto.

Selecionei um [vídeo](#) do YouTube mostrando um homem indígena, da aldeia Guarani, produzindo uma peteca com folha de palmeira e casca de imbirã e, na sequência, brincando. Durante a assistência, as crianças se mantiveram atentas à confecção da peteca. Outras informações também chamaram a atenção: o local da gravação, a presença de um rio, a forma como as pessoas estavam vestidas. Preparei uma apresentação de slides contendo imagens de diferentes corpos indígenas, com diferentes vestimentas e em diferentes locais. Antes de mostrar as imagens, as crianças me abordaram dizendo que não se chamavam “índios”, mas sim, “*indígenas*”. Como não conversara sobre o assunto, concluí que era fruto de alguma discussão promovida pela professora. Assistindo ao vídeo, quando Davi percebeu que o rapaz indígena não falava português, disse que “os indígenas tem a própria língua: o tucano”, fiz uma pequena intervenção, dizendo que eu achava que ele queria dizer “tupi” e ele confirmou.

As rodas de conversa com as crianças posteriores às análises do vídeo e das imagens, mostraram que cada grupo e cada pessoa indígena tem a sua forma de se relacionar com o mundo. Portanto, nem todas as etnias indígenas brincam de peteca. E mesmo aquelas que brincam, fazem-no de formas distintas. A pedido das próprias crianças, iniciamos [pesquisas](#) para conhecer

algumas brincadeiras indígenas com peteca com o intuito de realizá-las na escola.

A primeira delas foi a brincadeira praticada na aldeia Xavante, cujo nome atribuído ao brinquedo é tobdae, sendo produzido com palha e fios de buriti. A brincadeira se assemelha à queimada e é praticada em dupla. Enquanto duas pessoas jogam, as demais aguardam o término para entrar uma de cada vez no lugar daquela que foi acertada pela tobdae. Praticamos dessa maneira e o tempo de uma aula foi exato para que todos(as) que desejassem pudessem vivenciar. Conversamos sobre a experiência na aula posterior e resolvemos criar mais campos, a fim de que os grupos ficassem menores e as crianças participassem mais vezes da brincadeira. Alguns conflitos que ocorriam em cada campo eram discutidos com os(as) componentes do subgrupo até encontrarmos soluções.



Acessamos um pequeno [texto](#) explicando duas maneiras e nomes diferentes do brinquedo numa aldeia Guarani: mangá e yó. A yó é feita com sabugo de milho e duas penas. Eu havia separado alguns sabugos de milho para que secassem, mas ainda não havíamos conseguido penas, por isso, naquele momento, não conseguiríamos vivenciar a brincadeira. O material era importante nesse caso, pois a brincadeira consistia em jogar o yó o mais longe possível e,

no ar, por conta dos materiais que o compunham, o yó se parecia uma hélice de helicóptero, segundo a descrição do texto. Assistimos a um [vídeo](#) mostrando alguns indígenas da aldeia Kalapalo brincando de kopü kopü, uma brincadeira com peteca praticada em roda, rebatendo para cima e quem deixasse a peteca cair sofreria cócegas de seus(suas) colegas. As crianças vivenciaram a brincadeira utilizando as petecas que construíram.

Fiz contato com um professor indígena, Budga Deroby Nhambiquara que reside em Suzano (SP) e atua na rede municipal de Guarulhos (SP). Expliquei-lhe alguns detalhes do trabalho e ele se mostrou bastante solícito, disponível para participar presencialmente de um encontro com as crianças. Dois primeiros agendamentos não deram certo, já que ele é bem engajado em lutas políticas em torno de pautas da cultura indígena, sendo bastante requisitado para algumas ações. Acabei por anunciar um destes agendamentos para os(as) estudantes(as) e eles(as) me cobraram a vinda do Budga por semanas.

Aguardando um possível novo agendamento, prosseguimos com os trabalhos. Conversamos sobre o fato da peteca, na atualidade, não ser mais um brinquedo utilizado apenas nas aldeias indígenas, haja vista as crianças daquelas turmas conhecerem e brincarem. Aproveitamos para assistir alguns vídeos mostrando outras manifestações com peteca: um [campeonato](#) na Amazônia realizado numa quadra com rede e um [jogo](#) chinês praticado com os pés em roda. As crianças expressaram a vontade de experimentar esses formatos. Substituímos a rede por uma corda amarrada nas pontas a dois cabos de vassoura apoiados em cones. A turma se distribuiu em grupos menores nos dois lados da corda. Enquanto isso, outras crianças em roda, tentavam chutar a peteca para cima. Em decorrência da extrema dificuldade, essa prática logo foi abandonada e todos(as) acabaram se direcionando à brincadeira com a corda.

Encaminhando para o final do estudo, juntos(as) pensamos em formas de registrar o processo. Algumas crianças sugeriram desenhar o que acontecera nas aulas. Outras se manifestaram dizendo que preferiam registrar de outra maneira. Decidimos que alguns(mas) fariam o desenho, outros(as) registrariam suas lembranças num cartaz. Mesmo após as rodas de conversa realizadas e os materiais acessados, as crianças que optaram por fazer o desenho, registraram pessoas indígenas vestidas com folhas de árvore, sem camisas ou calças.



Retomei a conversa com Budga Deroby e conseguimos agendar a visita. Elaboramos perguntas coletivamente para orientar a conversa. Ele veio à escola vestindo uma calça jeans, camisa e um cocar. A atividade aconteceu no anfiteatro. Ele trouxe também alguns artefatos artesanais que espalhou sobre um pano no palco. Ao se apresentar, falando na língua Nhambiquara, algumas crianças deram risadas e ele aproveitou para dialogar sobre isso. As crianças fizeram perguntas dando a entender, na maioria das vezes, que ele vivia numa aldeia no meio da floresta. Ele repetiu que morava na cidade de Suzano, numa casa com paredes feitas de blocos e que comprava suas frutas e outros alimentos no supermercado ou na feira. Além disso, Budga expôs seus saberes sobre a peteca. Afirmou que na aldeia onde cresceu não havia essa brincadeira. Ainda assim, explicou que, inicialmente, a peteca era utilizada num treinamento de guerra por algumas etnias indígenas. As crianças, ao observarem essa prática, transformaram-na numa brincadeira que perdurou mesmo após o fim dos treinamentos de guerra.

Ele também apresentou algumas brincadeiras de sua aldeia. Explicou o que era seu cocar, que muitas crianças estavam chamando de “chapéu”, e também falou um pouco sobre as pinturas corporais. A atenção das crianças não durou mais que 30 minutos. Para finalizar, ele fez algumas pinturas corporais nos braços dos professores e das professoras presentes (não fez nas crianças, pois a pintura demoraria para sair do braço e não havíamos pedido autorização aos(às) responsáveis).



Após a saída das crianças, conversei um pouco com Budga sobre o estudo da peteca. Comentei sobre alguns materiais que acessamos ao longo dos trabalhos, inclusive aqueles que mencionavam petecas dos territórios indígenas. Ele fez um destaque com relação às petecas produzidas com a palha (mangá) e com o sabugo do milho (yó), para percebermos como e quando tais petecas começaram a aparecer nas aldeias, tendo em vista que o milho não é nativo do Brasil. Todavia, ressaltou que acessar esse conhecimento é muito difícil, mesmo que em contato com diferentes representantes de etnias indígenas, tendo em vista que saberes mais antigos ficam resguardados pelo pajé da aldeia, cujo contato é bastante restrito.

Na aula seguinte, trocamos impressões sobre a visita do Budga. As crianças destacaram os pontos que consideraram importantes. Durante a conversa, Esther tirou de sua bolsa duas penas para produzirmos a yó. Ela disse que eram penas que caíam do pássaro que ela possuía. Como eu guardara duas

metades do sabugo, a Esther afirmou que na aula seguinte também traria mais duas penas. No encontro posterior confeccionamos o artefato e conseguimos brincar de lançar a yó o mais longe possível.